

## O Perfil do Aluno de Graduação e Pós-Graduação

Mário Teixeira Reis Neto  
Maria Antonieta Mendes Da Luz

### RESUMO

Este trabalho tem como tema o perfil do aluno e investiga qual é o perfil atual do aluno de graduação e pós-graduação. Seu objetivo principal é sistematizar os conhecimentos sobre o perfil dos alunos para permitir aos gestores universitários e professores um melhor desempenho profissional. Como métodos e técnicas foram utilizadas a pesquisa por observação, a pesquisa participativa, a pesquisa ação e a entrevista exploratória não estruturada.

Foram propostos perfis do universitário em sala de aula segundo o tipo de interesse, o estilo de liderança, a capacidade de expressão, o nível de cobrança pessoal, o grau de segurança emocional, a atenção e participação em sala de aula, a educação, a classe social, a forma de se verem frente à faculdade, o grau de mobilização social, a postura diante dos resultados obtidos e a relação com o professor. Certamente existem ainda outras dimensões não abordadas e por isto, cada leitor deverá exercitar-se para ampliar os diferentes perfis aqui apresentados. Finalmente, é apresentado que o perfil do aluno é dinâmico em cada dimensão e interage simultaneamente entre todas elas.

**Palavras chaves:** Perfil do aluno. Ensino superior. Alunos universitários.

### 1 INTRODUÇÃO

As mudanças constantes na vida do povo brasileiro levam a uma mudança no perfil dos alunos. Com o aumento do número de instituições de ensino superior há um crescimento significativo do número de vagas ofertadas. Já começam sobrar vagas em faculdades privadas e o vestibular está deixando de ser uma grande barreira. Está havendo disputa por alunos o que pressiona as mensalidades para baixo, abre oportunidade para famílias que nunca tiveram seus filhos nas universidades e o aluno passa a ser visto como cliente no mundo capitalista do ensino superior.

Por outro lado, o exame nacional de cursos se consolida como uma avaliação única para todos. Os melhores se tornarão evidenciados pela competência e não pelo nome da escola que tinha tradição, tal como uma grife. O fato é que mudanças significativas estão ocorrendo no ensino brasileiro e assim, surge a seguinte questão: **Qual é o perfil atual do aluno de graduação e pós-graduação?**

O objetivo principal deste trabalho é permitir aos gestores de instituições de ensino superior e aos professores um melhor desempenho profissional por meio do conhecimento dos alunos atuais. Os objetivos secundários são sistematizar os conhecimentos sobre o perfil dos alunos,

criar parâmetros para classifica-los e indicar elementos que permitam engrandecer o processo de educação nos níveis de graduação e pós-graduação. Além disto, este trabalho permite ainda aos professores ministrar uma aula mais eficaz, haja vista que conhecerão melhor o perfil de seus alunos.

## 2 REVISÃO DA LITERATURA

Existem muitas maneiras de se classificar os alunos. A primeira a ser apresentada neste artigo foi elaborada por GUERRA et al. (1997:13) ao estudar a questão da disciplina em sala de aula. Assim, eles apresentam o perfil psicológico chamado de "homem light" que está sendo criado pelos novos tempos. Trata-se de uma pessoa relativamente bem-informada, mas de escassa educação humanista, voltada ao pragmatismo e a vários assuntos simultaneamente. Tudo lhe interessa de forma superficial. Como o *homem light* não é capaz de fazer uma síntese daquilo que percebe, conseqüentemente ele se converte numa pessoa trivial, superficial, frívola, que aceita tudo, mas que carece de critérios sólidos em sua conduta. Tudo nele se torna estéreo, leve, volátil, banal e permissivo.

Para ROJAS (1997:4) o *homem light* é frio, sem paixões e apegado a uma moral íntima, privada, que lhe fornece, no máximo, uma atitude estética. Trata-se de um homem sem vínculos, descomprometido, que vive no apogeu do niilismo cuja bandeira é uma tetralogia (hedonismo - consumismo - permissividade - relativismo) costurada pelo consumismo.

Continuando, este autor afirma, atingimos o ecletismo evidente no mundo das idéias e nos comportamentos e que fugir de si próprio e contemplar a vida com um gozo ilimitado leva ao consumismo, a uma troca dos sentimentos pelas aspirações materiais. Neste quadro, o novo código de ética é o relativismo: não há nada bom ou ruim, feio ou bonito, tudo "depende". Como o *homem light* é tolerante a tudo, é também indiferente. Assim ele é também muito mais manipulável, dirigível e vulnerável à pseudo-ideologia da liberdade. Não saber para onde ir, não buscar o que há de nobre e belo na vida humana não é ser livre, é ser perdido, desorientado. Em nome desta falsa liberdade ele se transforma em um ser desumano, que não conhece a verdade e se enclausura em sua própria convicção, subjetiva e retorcida conforme seus interesses. Por isto, ele acredita que é livre porque não tem "territórios proibidos" e se apega às vagas coordenadas expressa nas leis civis. Tudo isto é o resultado de sua permissividade, de sua tolerância. Nada é verdade, nada é mentira. Seu relativismo acaba gerando também um ceticismo, uma descrença na razão humana e na sua capacidade de alcançar a verdade. Vence então o pessimismo, a ilusão, a indiferença, frutos do seu comodismo. Esta *melancolia moderna* não o leva a lugar nenhum e geralmente é resolvida pelos prazeres do consumismo. Paz interior, felicidade e equilíbrio, não são mais sinônimos de felicidade. A frivolidade do *homem light* o leva a um buraco espiritual onde lhe basta a televisão. Ela preenche os seus vácuos, lhe fornece informação e pouca cultura. Ela é *light* e tem baixo valor calórico. Indiferente a isto o homem se "diverte" e esquece de seus problemas. Isto se encaixa com perfeição no seu *cansaço*, um fenômeno comum no mundo moderno. A sensação de esgotamento não é apenas fruto de esforços excedentes, mas também de um "*cansaço da vida*". No seu interior, o homem sente apatia, abandono, pessimismo e impotência perante a vida. Desiludido, ele fica fraco, extenuado e cada vez à deriva, sem saber o que fazer com a vida. Ele não consegue ter forças para reformular-se, colocar a vida em ordem e ter vontade para realizar seus propósitos. Ele abandona sua meta e se dá por vencido. O *homem light* não consegue planejar sua vida, ele acaba improvisando-a, administrando apenas os problemas cotidianos que vão aparecendo.

Para SANTOS (1986: 90) a vida moderna é marcada pelo *individualismo narcísico*, a paixão por si mesmo. A busca pelo próprio prazer desconsidera a importância da coletividade para a realização pessoal. É a deserção do social, refletida na indiferença quanto à política, à história, à família, à religião. Esta afirmação é corroborada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE que mostrou que o número de pessoas que residem só, tem aumentado nestes últimos anos. Assim, este homem está cada vez mais sozinho numa multidão, dessubstancializado no seu eu, vazio na sua identidade. O indivíduo nunca esteve tão cego para a coletividade, seduzido pelo consumo de bens e símbolos efêmeros, castrado em sua capacidade de pensar e agir a partir de um consenso próprio (GUERRA, 1986: 6).

Certamente esta maneira de ver a sociedade não se aplica a todos os alunos nos dias atuais. Pode ser até que muitos nem concordem com ela porque a sociedade brasileira é plural. Afinal, existem outras correntes comportamentais que estão presentes na sociedade brasileira. Assim, este artigo evita o dogmatismo que, segundo JAPIASSU (1999: 46), leva ao apego à idéia de que se pode atingir a certeza absoluta e de que se pode afirmar sem provas, de modo peremptório e intransigente, uma "verdade" acabada e indiscutível. Nada é tão perigoso quanto à certeza de ter razão. Nada causa tanta destruição quanto à obsessão de uma verdade considerada como absoluta. Todos os massacres foram cometidos por virtude em nome da religião verdadeira, do racionalismo legítimo, da política idônea; em suma, em nome do combate contra a verdade do outro. ...:

Dando continuidade, outra forma de se ver o aluno de graduação e de pós-graduação é como um adulto fortemente motivado para aprender nas áreas relevantes para o desenvolvimento atual de suas tarefas, papéis sociais, crises existenciais e períodos de transição. Desta forma, para que o aluno desenvolva habilidades é necessário que ele tenha clara percepção dos comportamentos desejados (MASETTO 1992: 81). Este autor, cujo trabalho tem uma característica analítica prescritiva, acrescenta que:

- a) as pessoas são capazes de aprender durante toda a vida. A experiência passada tanto pode ser uma ajuda como um obstáculo, ou seja, o aprendizado atual é afetado por experiências passadas que ora atuam como incentivo, ora atuam como barreira;
- b) os adultos exercem múltiplos papéis e responsabilidades e isto significa uma diferente orientação para a aprendizagem em comparação com as crianças e os adolescentes;
- c) como cada pessoa tem um estilo próprio, é contraproducente prescrever para todos um único modo de aprender. Os adultos exibem tendências para a auto-direção de seu aprendizado, entretanto aprendem por diferentes caminhos, tempos e em direção a diversos objetivos. O estilo cooperativo de ensinar e aprender desenvolve o autoconceito do aluno e resulta em significativa e efetiva aprendizagem;
- d) os adultos aprendem melhor quando podem controlar os passos de sua aprendizagem. Eles gostam quando o ensino é centrado em problemas significativos para sua vida e que a aprendizagem possa ter imediata aplicação;
- e) os adultos aprendem melhor quando assumem responsabilidade sobre o que, porque e como aprender. Um retorno positivo (*feedback*) funcionará como um reforço para consecução de maior aprendizagem;
- f) a aprendizagem do adulto é por toda a vida, é pessoal, envolve mudanças, trata-se de uma função parcial do desenvolvimento humano, diz respeito à experiência e, em parte, é intuitiva.

MASETTO (1992: 82) afirma que LENZ<sup>1</sup> ao estudar como os adultos aprendem sustenta que o processo de aprendizagem se faz através da troca de idéias, informações, habilidades e experiências. É uma relação que chama ambos os participantes (professor e aluno) para uma ativa participação e na qual os ganhos serão proporcionais aos investimentos realizados pelos participantes. Concluindo ele ainda afirma que:

- a) a aprendizagem está intimamente ligada a experiência;
- b) a busca do significado é fundamental para toda a aprendizagem, especialmente para adultos, que devem estar capacitados para aprender o sentido na sobrecarga de informações à qual estão constantemente expostos;
- c) cada experiência pessoal é única. A aprendizagem, que é experimental, enfatiza a individualidade;
- d) a aprendizagem do aluno é favorecida pela interdisciplinaridade e pela multidisciplinaridade que o ajudam a superar a fragmentação na análise e consideração dos fenômenos.

Para ABREU e MASETTO (1983: 9) toda aprendizagem, para que realmente aconteça, é pessoal, precisa ser significativa para o aprendiz, isto é, precisa envolvê-lo como pessoa, como um todo (idéias, sentimentos, cultura, e sociedade), precisa visar objetivos realísticos, precisa ser acompanhada de retornos individuais e ser embasada em um bom relacionamento interpessoal.

Dando continuidade aos diferentes perfis dos alunos de graduação e de pós-graduação, RICCI (nd) afirma que existe nos alunos uma apatia crescente ao longo dos cursos, uma ausência de iniciativas coletivas e um certo desdém ou descrença com o futuro profissional. Ele aponta alguns pontos críticos no perfil deste aluno:

- a) Imediatismos  
Os alunos são cada vez mais impacientes, possuem dificuldades para a concentração, são ansiosos e sentem dificuldades de construir um processo de conhecimento. Estas dificuldades não dizem respeito a deficiências cognitivas, mas ao relacionamento que experimentam com o tempo. Cotidianamente os jovens são convidados a negar o passado. Os produtos são continuamente superados e, assim, instala-se um sentimento de procura ininterrupta pelo novo e de instrumentalização radical do conhecimento, na busca imediata de soluções a problemas concretos. Os alunos procuram pequenas sínteses e resultados imediatos, valorizam o tecnicismo e o pragmatismo. Não possuem tempo para uma elaboração mais sofisticada, complexa.
- b) Dificuldades de articular conceitos  
O conhecimento, assim se fragmenta em inúmeras respostas a múltiplos problemas. O pragmatismo radical desqualifica qualquer tentativa de globalizar o saber, na tentativa de elaboração de grandes sínteses sobre a realidade. Daí acontecem dificuldades imensas de se articular saberes distintos.
- c) Dificuldade em articular teorias com diagnóstico da realidade

---

<sup>1</sup> LENZ, Elionor. *The art of teaching adults*. CBS College Publishing. New York, 1982 p 11- 13

As teorias se fragmentam porque devem responder a interesses imediatos. Assim, as teorias passam a ser desprovidas da capacidade de generalização e são radicalmente instrumentalizadas pelos alunos. Tal pragmatismo (fragmentação) impede que uma teoria possa ser aplicada a situações diferenciadas, num longo período de tempo. Os alunos olham a realidade, mas não conseguem explicá-la. É a essência do raciocínio pós-moderno, fragmentado, tomando a realidade como pastiche.

d) Egocentrismo e ausência de solidariedade orgânica

Solidariedade significa respeitar e conviver com o outro. Hoje, o pragmatismo e o individualismo traduzem-se num comportamento apático dos alunos que não se preparam para um confronto intelectual salutar. Não há participação, apenas presta-se atenção à aula. No final, alguns alunos procuram o professor para colocar dúvidas, mas não socializam suas proposições.

e) Falta de compromisso com a profissão e com projetos sociais

O imediatismo, a ansiedade no processo de conhecimento, a ausência de solidariedade na sala de aula, parecem conduzir os alunos a um misto de individualismo e desencanto com o futuro. Esta ausência de expectativas para com o futuro é na verdade, um convite a uma postura amoral. Não haveria motivos para se ter um juízo sobre a realidade, a não ser pela defesa intransigente da busca do prazer imediato e instantâneo. A profissão assim seria um instrumento da satisfação pessoal, não um projeto social. O convívio social seria reduzido aos pequenos grupos, às tribos.

f) Cultura da nota

O imediatismo acaba por sobrevalorizar a nota, o resultado concreto e imediato do saber apreendido na sala de aula. Somente às vésperas das provas ou entrega de trabalhos é que os alunos articulam-se. É a famosa cultura da nota. A nota como moeda.

Todos os trabalhos apresentados até aqui mostraram perfis de alunos inseridos no contexto social da sala de aula e sinaliza suas conseqüências para o aprendizado. Em outras palavras, ao se conhecer melhor cada um destes tipos, é possível que cada professor possa fazer de sua aula um instrumento mais rico para o aprendizado.

Uma outra abordagem a ser apresentada a seguir é o perfil dos alunos dos cursos de graduação e pós-graduação sob a ótica externa à sala de aula. Foram pesquisados o perfil sócio econômico, cultural e vida social, político ideológico e conjuntural, formação universitária, perspectivas profissionais. Da mesma forma que esses perfis anteriores, estes que serão apresentados a seguir complementam informações que ajudam tanto os professores quanto os demais profissionais que trabalham em instituições de ensino superior a entender melhor os porquês de alguns comportamentos por parte dos alunos.

### 3 MÉTODO

Foram adotados os métodos da observação, da observação participativa, da pesquisa-ação e de entrevistas não estruturadas com alunos e professores. Tudo foi feito de forma empírica e exploratória na região metropolitana de Belo Horizonte ao longo do período de 1996 a 2006.

O campo de pesquisas foi limitado aos alunos de graduação, turnos manhã e noite, do Centro Universitário Newton Paiva, da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas. As pesquisas em cursos de pós-graduação se limitaram aos alunos dos Centros Universitários Newton Paiva e UNA, Universidade Fumec, Fundação João Pinheiro e na Faculdade de Pedro Leopoldo.

#### **4 ANTECEDENTES DO PERFIL EXTRACLASSE DOS UNIVERSITÁRIOS**

A Bolsa de Valores de São Paulo e o Fórum de jovens empresários da Associação Comercial de São Paulo contrataram a realização de uma pesquisa onde foram realizadas 1101 entrevistas com estudantes de 27 faculdades e universidades sobre o perfil do jovem universitário paulistano 2000. Considerando que uma pesquisa semelhante foi realizada em 1988, esta pesquisa permitiu comparar as transformações sociais ocorridas em um período de 11 anos tendo em vista os dados coletados em campo entre 8 e 13 de novembro de 1999, com uma margem de erro de 3 pontos percentuais e um intervalo de confiança de 95%. Os resultados das duas pesquisas estão agrupados em cinco aspectos conforme segue:

##### **O PERFIL SÓCIO-ECONÔMICO**

O perfil sócio-econômico do estudante universitário paulistano não sofreu muitas alterações entre 1988 e 1999. A maioria tem entre 19 e 25 anos (68%), é solteiro (85%), não tem filhos (87%), mora com os pais (71%), em casa própria (80%) e possuem carro ou moto para uso exclusivo (54%). Trabalham (71%), como empregados (84,5%) e estão predominantemente no setor privado (75%), sendo este último percentual muito superior ao constatado em 1988, quando 54,5% deram a mesma resposta. Mais de dois terços (67%) estão em um trabalho relacionado com seu curso de graduação.

Parcela expressiva dos universitários (41%) faz estágio e a maioria não tem bolsa de estudo (81%). A renda individual de 42% vai até três salários mínimos. Entretanto, a área de exatas oferece melhor remuneração, pois 41% afirmaram receber mais de 5 salários mínimos. A renda familiar de 36% é superior a 20 salários mínimos, percentual que não varia entre as universidades públicas e privadas.

##### **O PERFIL CULTURAL E VIDA SOCIAL**

De acordo com dados publicados na revista *Veja Vida Digital* de dezembro de 1999, o Brasil tem 3% de sua população com acesso à internet, porém a pesquisa mostrou que entre os universitários em 1999 este indicador era de 82%. Os principais motivos para que eles acessem a rede são informação (65%), estudo (61%), e diversão (41%).

Em 1999, mais de um terço (35%) dos universitários lêem jornal diariamente. A Folha de São Paulo foi a mais citada (69%) e O Estado de São Paulo teve um crescimento entre o público desde 1988 (de 43% para 54%). A revista mais lida é *Veja* (68%) seguida de *Exame* (22%), *Época* (20%) e *Isto É* (20%). A emissora preferida continua sendo a Globo (74%), mas a TV paga, que nem aparecia na pesquisa de 1988 foi citada por 31%. Os universitários concordam que os meios de comunicação são tendenciosos (84%), sensacionalistas (83%) e atendem a interesses de grupos (82%). Apenas 25% os acham independentes. É interessante notar que em 1999 a oferta e a variedade de informações disponíveis aos universitários era muito maior

do que em 1988, porém a credibilidade dos meios de comunicação não melhorou muito neste período.

Em relação a 1988 aumentou o percentual dos universitários que acreditam em Deus: de 76% para 88%. Um dado curioso neste aspecto: 53% acreditam em reencarnação, embora as religiões que pregam este dogma não sejam a da maioria dos entrevistados. Quatro questões polêmicas foram abordadas e constatou-se que os universitários são a favor da legalização do aborto (57%) e do casamento de homossexuais (53%), mas contra a discriminação da maconha (51%) e das cenas de sexo na TV (60%).

De 1988 para 1999 aumentou o percentual de entrevistados que disseram que gostariam de ser uma pessoa muito rica (de 46% para 59%) e dos que fariam aplicações financeiras se ganhassem R\$5 milhões (de 19% para 33%).

### O PERFIL POLÍTICO-IDEOLÓGICO E CONJUNTURAL

A maioria acredita que a democracia seja sempre a melhor forma de governo (69%), entretanto diminuiu a credibilidade nos partidos políticos. Em 1988, 38,8% não tinham simpatia por nenhum partido político. Em 1999, este percentual subiu para 50%. Entre os que têm simpatia, o PT é o preferido (26%), seguido pelo PSDB (11%).

Como em 1988, a maioria absoluta (94%) dos entrevistados acha que o Brasil está em crise. Naquele ano, 66% afirmaram que a crise era econômica. Em 1999, 56% acham que a crise é social.

Para 46% o Brasil será um país desenvolvido, percentual semelhante ao de 1988. Já na questão das privatizações, as opiniões se dividem. Embora 34% sejam favoráveis, este percentual varia muito entre os alunos de universidades públicas (15%) e privadas (38%). Na questão da Justiça brasileira, 72% afirmam que ela é *ruim/péssima*.

Segundo os universitários, as características que mais marcam os jovens brasileiros são: trabalhador (63%), alegre (73%), inteligente (67%), honesto (51%), democrático (59%), otimista (59%), religioso (51%), moderno (73%), desinformado (71%), alienado (64%), conservador (51%), sonhador (67%) e dependente (62%). O perfil traçado pelos universitários sobre os jovens brasileiros é mais positivo que negativo, mas nota-se que os que estudam em faculdades públicas são muito mais rigorosos em seu julgamento do que os alunos das faculdades privadas.

### FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA

Em 1988, 47% dos universitários estavam satisfeitos com o curso que estavam fazendo. Em 1999 este percentual subiu para 72%. Além disso, 65% fazem uma avaliação positiva do ensino da faculdade, sendo que este percentual é maior entre os estudantes de universidades públicas (77%) e da área de biológicas (83%). Aumentou o percentual dos alunos que pretendem fazer especialização: de 71% em 1988 para 87% em 1999.

### PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

Os universitários estão mais otimistas em relação ao seu futuro profissional. Em 1988, 31% consideravam positivas as perspectivas do mercado de trabalho. Em 1999, 57% têm a mesma percepção, entretanto, caiu o percentual dos que acham que estarão preparados para o mercado de trabalho quando se formarem (de 65% para 44% na pesquisa atual) e dos que acham que será fácil arranjar emprego logo que se formarem (de 42% para 33%).

Se pudessem escolher, 63% dos universitários trabalhariam na iniciativa privada e 62% em uma multinacional. Em 1988 estes percentuais eram de 44% e 42,7 % respectivamente. A maioria pretende trabalhar em São Paulo depois de formado (66%) e no setor de serviços (59%)

Os pesquisadores realizaram ainda grupos de discussão que complementam as informações obtidas na pesquisa quantitativa e ilustram as diferenças de opinião entre estudantes do período noturno e diurno. Assim, foram realizados dois grupos de discussão sendo um com alunos da manhã e outro com alunos da noite. Com o objetivo de facilitar a comparação entre os dois grupos, as principais conclusões de cada um foram apresentadas em 5 blocos, que agrupam os principais assuntos discutidos: mercado de trabalho, meios de comunicação, dinheiro, valores, década de 1990 e perfil do jovem brasileiro. Suas principais conclusões foram:

### MERCADO DE TRABALHO

Para os estudantes, o mercado de trabalho é visto como difícil e algo para o qual eles não estão preparados. O diploma já não é mais garantia de emprego, mas abre um leque maior de oportunidades. Para disputar e manter um emprego é necessário atualizar-se constantemente, fazer pós-graduação, falar mais de uma língua e dominar informática e a internet. As alternativas de trabalho mencionadas por eles foram: ser professor, trabalhar em uma grande empresa e ter o próprio negócio.

Já no grupo dos estudantes do período noturno, a faculdade apareceu como um complicador, algo que subtrai uma parte do tempo que poderia ser dedicado ao trabalho e a outras atividades. Alguns dos estudantes deste grupo trabalham em uma área diferente da que estudam e admitem que gostariam de ir para sua área mesmo ganhando menos. O contrário também aconteceu: um estudante disse que largaria sua área para trabalhar em outra que pagasse mais.

As exigências do mercado de trabalho segundo eles são: inglês e outras línguas, ter o "perfil da empresa", cursos extracurriculares, e fazer uma "faculdade de primeira linha". Quanto a este último aspecto, os estudantes frisaram que embora a faculdade influencie na contratação, não faz o profissional e nem garante sua permanência no emprego. Além destes fatores, sorte e QI (quem indica) também foram lembrados.

Um aspecto comum nos dois grupos foi à presença de universitários que gostariam de ter feito um curso diferente do que estavam fazendo e a preocupação com o desemprego.

### MEIOS DE INFORMAÇÃO

Os meios de informação mais citados foram os jornais (Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo e a Gazeta Mercantil), as revistas (Veja, Isto É, Época, Você S.A., Dinheiro e Superinteressante), a televisão (telejornais, programas da TV Cultura e Casseta & Planeta) e as publicações específicas da área que estão cursando. O rádio foi citado mais como um meio de diversão do que de informação, mas mesmo assim, a rádio CBN foi lembrada.

A internet é utilizada pelos jovens dos dois grupos, que consideram uma ferramenta de trabalho. No grupo noturno, o acesso é diário e para as mais diversas finalidades: consultas a bancos, para saber cotação do dólar, e de ações, pesquisas, informação, bate papo, e-mail, entre outras, porém ainda não fazem transações comerciais, como movimentações bancárias e compras.



## DINHEIRO

Os estudantes do período matutino vivem do dinheiro dos pais ou bicos. Achem o mercado de ações complicado e têm uma visão negativa da economia do país. Os investimentos mencionados por eles foram: imóveis, *agribusiness*, jóias, ouro, pousadas e franquia. A poupança é vista como um investimento ruim por causa da lembrança do confisco do Plano Collor.

O grupo dos estudantes do período noturno disse que, se ganhassem dinheiro, investiriam em negócio próprio, poupança (por causa da segurança), fundos, dólar ou numa viagem ao exterior. Também, para este grupo, investir em ações é difícil, pois acham que é necessário ter muito dinheiro e conhecimento do mercado.

## VALORES

No grupo matutino, foi mencionada a tolerância com as drogas e o uso intensivo por parte da juventude de *crack*, êxtase e outros entorpecentes. No aspecto religioso, todos disseram acreditar em Deus.

São pessimistas em relação ao futuro do país, criticam a dependência do Brasil em relação aos países desenvolvidos e acham que a melhor coisa do Brasil é o povo. São contra as privatizações e não acompanham o que acontece no mercado financeiro.

Eles não se consideram uma geração politizada e nem alienada, mas a maioria não saiu às ruas na época do *impeachment* do ex-presidente Fernando Collor. Nenhum deles é filiado a partido político ou participa de organização de bairro. Mesmo assim, se consideram mais bem informados do que as pessoas há dez anos atrás. Brigam por seus direitos como consumidores, mas não como cidadãos e, por isto, acham que iriam para a rua protestar conta reajustes no preço das mensalidades de suas faculdades.

Para os estudantes dos períodos noturnos, a família e o casamento, foram classificados como interessantes mesmo pelos que já foram casados. Em comparação com os pais, estes universitários acham que têm mais facilidade de comunicação e liberdade, mas enfrentam uma concorrência mais intensa no mercado de trabalho. De um modo geral, não tem pressa de sair da casa dos pais. Dependendo das circunstâncias acham que poderiam ser corrompidos.

Diferentemente do grupo matutino, os alunos do turno da noite, foram às ruas para pedir o *impeachment* do Collor. Por outro lado, também acham que o dinheiro poderia leva-los às ruas novamente. Em relação ao país, têm a impressão que houve uma melhora, pois muitos deles são os primeiros da família a ingressar numa faculdade, porém acham o futuro incerto.

## PERFIL DO JOVEM BRASILEIRO

O jovem brasileiro foi definido como triste, trabalhador, desinformado, alienado, inteligente, honesto, moderno, democrático, realista, e sonhador, otimista, dependente, solidário e competitivo pelos universitários que estudam no período matutino. Para os que estudam a noite os termos que melhor definem o jovem brasileiro são: trabalhador, alegre, informado, consciente, inteligente, desonesto, moderno, democrático, sonhador, otimista, dependente e solidário.

## 5 O PERFIL DO UNIVERSITÁRIO EM SALA DE AULA

Os diferentes perfis que serão apresentados a seguir são posições extremas de um contínuo, ou seja, muitos outros perfis podem ser inseridos entre eles e cada aluno pode se enquadrar em

posições intermediárias diferentes em uma escala. Em alguns casos, o referencial não é apenas dois, mas três, quatro ou mais pontos que formam um polígono imaginário. Além disso, as pessoas se inserem nele de uma maneira dinâmica, isto é, elas evoluem em velocidades diferentes, podendo até mesmo estacionar durante determinados períodos. O normal é uma evolução para melhor, mas existem casos raros de regressão. A seguir, serão apresentadas as diversas classificações:

#### QUANTO AO TIPO DE INTERESSE

Aqui existem dois tipos básicos: os que estão interessados *no diploma* e os que estão interessados *no conhecimento*. Os primeiros estão mais preocupados com a nota, com o horário de término das aulas, com as datas de entrega dos trabalhos e das notas, isto é, estão preocupados com os cronogramas. Muitas vezes, estão neste grupo os que trabalham muito, são exigidos ao extremo e, por consequência, estão sempre cansados. Não se está afirmando que todos os que trabalham muito estão neste grupo, mas que é comum encontrar os trabalhadores intensos entre os que estão interessados apenas no diploma. Para estes a carreira profissional está delineada e o diploma é apenas uma exigência para evolução na empresa. A faculdade dá uma visão generalista que serve como conhecimentos gerais necessários à profissão. Os conhecimentos específicos da área já são dominados através da prática diária ou de cursos de curta duração realizados pela empresa.

O segundo grupo representa aqueles que estão interessados no conhecimento. Para estes, o senso crítico a respeito do que é ministrado em sala de aula é muito maior. Eles exigem muito mais dos professores. São indagadores, trazem problemas para debates, procuram os professores fora do horário das aulas para indagações particulares, não questionam os horários de término das aulas, pois aproveitam o tempo ao máximo. Fazem leituras paralelas, são assíduos na biblioteca e sabem o que querem. São determinados e estão motivados para o conhecimento. Ao contrário dos anteriores, estão sempre bem dispostos porque a busca do conhecimento é um prazer. Este é o grupo dos indagadores, dos que possuem espírito crítico e dos que sempre exploram a bibliografia oferecida para a disciplina.

Todos estes dois tipos são encontrados nos cursos de graduação (manhã e noite) e de pós-graduação que só funcionam à noite ou finais de semana.

Como corolários destes grupos existem aqueles que sabem o que querem, querem saber, querem mostrar que sabem, não querem mostrar que não sabem (ou que sabem), pensam que sabem o que querem e os não querem saber de nada.

Existe ainda entre os universitários um terceiro grupo cujo tipo principal de interesse é "curtir a vida". São aqueles que estão na fase de usufruir a liberdade, muitas vezes não permitida durante a fase anterior de suas vidas e por isto, estão mais ligados nas diversões, nas festas, nas bebidas alcoólicas, nas drogas, nas saídas como os grupos de amigos, nas viagens e passeios, no ato de "paquerar", "ficar" e namorar. O diploma ou o conhecimento é um projeto de "longo prazo". Estão neste grupo aqueles cujos pais pagam a faculdade, não trabalham intensamente, mas realizam pequenas tarefas que lhes rendem algum dinheiro extra. Normalmente, estão no turno da manhã, nos primeiros períodos do curso.

#### QUANTO AO ESTILO DE LIDERANÇA

Tanto na graduação quanto na pós-graduação, os assuntos acadêmicos permitem aflorar dois tipos de líderes: *o positivo* e *o negativo*. O positivo conduz os colegas para a melhoria acadêmica e o negativo em sentido contrário. Normalmente, a maioria se coloca em uma situação passiva. Pronta para ser liderada e conduzida. A inércia é grande e por isto, para se

movimentar uma turma há necessidade de que o líder maior tenha líderes menores que lhe dão sustentação pública. É como no exército: para que um general movimente a tropa são necessárias pessoas com patentes intermediárias. No mundo acadêmico não há espaço para líderes autocráticos e liberais. Ninguém consegue dar ordens ou deixar a turma agir segundo sua própria vontade, pois o professor é uma liderança presente que atua sob as normas da instituição de ensino. Assim, somente um líder democrático consegue conduzir o grupo no sentido de alcançar objetivos que muitas vezes conflitam com os professores ou a Faculdade.

#### QUANTO À CAPACIDADE DE EXPRESSÃO (ORAL OU ESCRITA)

Na graduação é normal encontrar alunos com baixa capacidade de expressão escrita e principalmente oral. Geralmente isto se deve ao fato de que há uma insegurança quanto ao conhecimento próprio pertinente à evolução da personalidade, ainda não madura o suficiente para se colocar em público e saber evitar as eventuais críticas dos colegas. Todo aquele que se manifesta se expõe e isto pode ser perigoso sob ponto de vista deles. Assim, nos primeiros períodos dos cursos há uma maior retração individual, enquanto que nos últimos períodos existe uma maior capacidade de exposição. Como reflexo desta situação e que pode ser usado aqui como exemplo é a apresentação de trabalhos em sala. Normalmente a maioria dos alunos nos períodos iniciais tem uma maior aversão a se apresentar em pé na frente de todos por temer críticas tanto do professor quanto dos colegas.

Nos cursos de pós-graduação a capacidade de expressão oral e escrita é melhor, entretanto ainda existe a crença de que é melhor ouvir do que falar e se expor às críticas. Por isto, quando o professor faz perguntas diretas aos alunos muitos preferem não responde-las, afinal dizer “não sei” é muito cômodo.

#### QUANTO AO NÍVEL DE COBRANÇA PESSOAL

Existem alunos que são extremamente exigentes consigo e isto faz com que se estressem com mais facilidade. Quando o nível pessoal ou familiar de cobrança por resultados acadêmicos é muito elevado, é freqüente se encontrar alunos estressados. No outro extremo, o aluno "irresponsável" não se estressa, pois não há cobrança. Vale ressaltar que as pessoas que possuem um maior equilíbrio emocional controlam melhor a cobrança pessoal e o estresse.

#### QUANTO AO GRAU DE SEGURANÇA EMOCIONAL

Este assunto já foi abordado parcialmente no item anterior, mas existem vários aspectos a se destacar complementarmente. Os alunos do curso de graduação turno manhã são normalmente os mais inseguros. O fato de realizar pequenos trabalhos ou não ter um emprego fixo, sob intensa cobrança de responsabilidades não os torna maduros como os alunos dos turnos da noite e dos cursos de pós-graduação. Sob esta ótica, os pós-graduandos são os mais seguros. Normalmente, têm mais clareza do que querem ou não querem, o que não pode ser feito e por consequência, possuem mais equilíbrio em sala de aula.

Em todos os cursos, a insegurança é um fator de desestabilização do grupo nas atividades acadêmicas. Nos momentos de aperto, seja por excesso de trabalhos ou receio de um fracasso em uma prova, os alunos manifestam sua inquietude publicamente. É uma busca pelo apoio do grupo para enfrentar as cobranças do professor.

## QUANTO À ATENÇÃO E A PARTICIPAÇÃO EM SALA DE AULA

Tanto nos cursos de graduação quanto pós-graduação existem pessoas que se comportam da seguinte forma:

- Prestam atenção e participam das aulas

É o tipo ideal de aluno para todo professor. É atento, dá opinião, debate, faz perguntas pertinentes e está sempre ligado em tudo o que acontece em sala. Este deveria ser o único tipo existente, entretanto representa muitas vezes a minoria nos cursos de graduação manhã. Nos cursos noturnos e de pós-graduação já são encontrados em maior número.

- Apenas prestam atenção às aulas

São aqueles que escutam atentamente o professor e os colegas, mas não dão opiniões e evitam se manifestar. Preferem ficar calados sem externar opiniões. A rigor, não externam seus sentimentos ao professor, preferindo se tornarem "ocultos na multidão".

- Apáticos

São aqueles que estão distantes na maioria do tempo. Estão de corpo presente, mas com a mente longe em muitos momentos. Dão sinais claros de que não estão gostando da aula ou não se interessam pelo assunto. Algumas vezes dormem sobre a carteira ou adotam uma postura física de total distância e desinteresse.

- Atrapalham as aulas

São aqueles que não prestam atenção às aulas e adotam uma postura anti-acadêmica. São os que conversam em sala, arrastam cadeiras, entram e saem de sala, esquecem o celular ligado, fazem piadas sobre tudo, estão sempre se mexendo, usam o espaço da sala para o que lhe for mais interessante no momento. Podem fazer um outro trabalho, ver fotos, falar sobre uma festa etc. Não se sentem constrangidos por estarem atrapalhando os colegas e os professores. Quando muito, pedem desculpas e acham que ficou tudo resolvido. São imaturos e/ou julgam que sua vontade é a lei, pois estão na posição de "clientes".

## QUANTO À EDUCAÇÃO

Freqüentemente as pessoas classificadas anteriormente como os que *atrapalham as aulas* são os *mal educados*. Estão neste grupo as pessoas hiperativas, autistas e insatisfeitas por não estarem fazendo aquilo que mais desejam. Pode ser também que não tiveram uma noção clara de limite em sua família e, conseqüentemente faz da sala uma extensão de sua vida cotidiana. Querem tudo para si e assim, se tornam "educados" ou "sedutores" quanto têm alguma necessidade e ou dependem da boa vontade e esforço de terceiros. Estão neste grupo os filhos de pais ricos ou separados, que sempre foram muito mimados ou que sempre tiveram tudo o que desejaram. São os "bem nascidos e mal criados". Normalmente, são mais freqüentes nos primeiros períodos dos cursos de graduação no turno da manhã.

No outro extremo desta classificação estão os bem educados. São os que sempre cumprimentam o professor e os colegas quando chegam ou saem, respeitam a todos evitando importuna-los, estão sempre dispostos a ajudar e se dirigem às demais pessoas em tom de voz adequado. São mais freqüentes nas turmas de pessoas mais maduras e de classes sociais mais baixas..

## QUANTO À CLASSE SOCIAL

Com o aumento do número de instituições de nível superior e os programas de financiamento está surgindo oportunidade para as pessoas das classes menos favorecidas ingressarem nas faculdades de menor expressão. Quando comparados aos alunos das classes mais altas, os alunos das classes menos favorecidas são mais respeitosos, aceitam a autoridade do professor assumindo assim uma postura de bem educados. Talvez por verem nos estudos uma forma de ascensão profissional, econômica, os menos favorecidos são pessoas de trato mais fácil. Por outro lado, os mais favorecidos, de uma maneira geral, se comportam acostumados a ter tudo nas mãos, “com o mundo girando ao seu redor”. Gostam de mandar, reclamam, se tornam intransigentes e agressivos, desrespeitando as pessoas para conseguirem o que desejam.

## QUANTO À FORMA DE SE VEREM FRENTE À FACULDADE

Diante da disputa pelo aluno que o grande número de novas faculdades gerou, a maioria se sente como *cliente*. O aluno cliente se coloca na mesma posição de uma pessoa que frequenta um restaurante, faz compras em lojas e supermercados ou usa qualquer tipo de serviço dentro da sociedade moderna. Tal comportamento é muitas vezes incentivado pelos donos de instituições de ensino que entendem que somente um aluno satisfeito será capaz de terminar o curso e indicá-lo para os amigos e familiares.

Um outro enfoque é o aluno que se considera como *produto* porque está sendo formado (construído) pela faculdade. Ele levará seus conhecimentos para aplicação junto à sociedade, pois afinal, é ela quem demanda o conhecimento adquirido. Ele se vê apenas como um portador do conhecimento que será aplicado onde quer que exerça suas atividades. Como produto, está sendo formado pela instituição de ensino no sentido mais amplo da palavra.

## QUANTO AO GRAU DE MOBILIZAÇÃO SOCIAL E POLÍTICA

Tanto os alunos da graduação manhã e noite quanto os da pós-graduação estão, em sua maioria, são pouco mobilizados para causas sociais. A ação individualizada de cada um prevalece na maioria. Cada um está mais preocupado consigo do que com a possibilidade de se unirem para conseguir melhores resultados coletivamente. Sonham em formar e conseguir um bom emprego por mérito próprio, entretanto não trabalham as questões coletivas como forma de tornar o ambiente favorável coletivamente. Assim, são individualistas nas ações e esperam que o governo cuide do coletivo. Não há praticamente nenhum envolvimento em movimentos estudantis e políticos. Os diretórios acadêmicos em sua maioria quase paralisados.

## QUANTO À POSTURA DIANTE DOS RESULTADOS OBTIDOS

Existem duas dimensões a serem consideradas: quanto ao *certo x errado* e quanto à *nota*. Ambas estão quase sempre atreladas no contexto acadêmico.

Na dimensão *certo x errado* observa-se que a maioria não gosta que seus erros sejam mostrados em público nem como um exemplo genérico. Quando o nome de quem cometeu o erro é omitido, esta pessoa geralmente evita divulgar que isto aconteceu consigo até para os mais íntimos. Muitos acham que seus argumentos devem ser levados em consideração, pois responderam dentro de um contexto que justificava a resposta dada e, por isto suas razões devem ser levadas em consideração. É comum colocar a culpa sempre em algo fora de si próprio. São os que têm dificuldade de ver o erro como possibilidade de crescimento, portanto

qualquer contribuição é sempre uma fonte de estresse. São aqueles que só valorizam o sucesso e querem sempre ser elogiados e reconhecidos.

Por outro lado, observa-se que apenas uma minoria aceita as críticas como uma contribuição para o crescimento. Quem aceita melhor a crítica é quem normalmente cresce mais rápido e está mais aberto ao aprendizado. Todos os dois grupos são avessos à exposição do erro em público, por isto todo educador deve corrigir seus alunos, mas evitar que esta correção provoque uma reação de defesa e iniba o aprendizado. Afinal, o papel do professor é utilizar o erro de tal forma que construa o conhecimento e molde à personalidade do aluno.

Diante da dimensão *nota* observou-se que, a rigor, todos querem ser aprovados. Por isto, é comum entre os professores a expressão “os alunos são movidos à nota”. Tudo o que vale nota mobiliza a turma. O desejo de obter uma boa nota esta associado a defesa dos pontos de vista de tal forma que é freqüente o aluno afirmar quando recebe uma boa nota que "foi ele quem tirou", enquanto que "foi o professor quem deu" uma nota ruim.

## QUANTO À RELAÇÃO COM O PROFESSOR

Todo relacionamento é construído a partir de uma interação. Trata-se de uma percepção a dois ou coletivamente construída que possui uma dinâmica própria e se altera ao longo do tempo. Na sala de aula, quando a turma forma uma opinião a respeito do professor (errada ou certa) não é fácil revertê-la. Assim sendo, o professor é geralmente visto como:

- O amigo

È aquele que cria uma empatia tão grande com a turma que facilita substancialmente o aprendizado. Por isto, suas aulas se tornam ótimas. Há prazer em assisti-las. Seu nome é lembrado sempre pela turma. Costuma ser o tipo ideal para paraninfo.

- O barreira

Quando o professor adota uma postura de muita cobrança e muita exigência acadêmica, ele passa a ser visto como uma barreira a ser transposta pelo aluno. Se ele julgar que o esforço necessário para ser aprovado na disciplina é muito grande, suas aulas passam a ser um sofrimento para o aluno e conseqüentemente, há estresse e/ou baixo aprendizado. Ele nunca mais será esquecido em decorrência deste lado negativo percebido pelos alunos.

- O bonzinho (o tranqüilo)

È aquele que elabora provas consideradas fáceis pelos alunos e, por conseqüência, o número de reprovados na matéria é praticamente nulo.

- O indiferente

Trata-se daquele professor que passa pela turma de forma discreta. Não marca sua passagem. Em pouco tempo seu nome é esquecido pelo aluno.

## 6 CONCLUSÕES

Não houve neste trabalho a pretensão de se criar uma taxonomia dogmática, entretanto deve-se ratificar que existe uma tipologia variada para os alunos de instituições de nível superior.

O perfil do aluno de graduação manhã e noite, assim como o de pós-graduação, se alterou de uma forma relativamente lenta conforme a comparação entre as pesquisas referenciadas neste trabalho. Entre 1988 e 1999, os indicadores até que não se alteram tanto. Tudo foi mais

circunstancial e compreensível dentro do quadro brasileiro. Atualmente, há uma interação de todos os tipos. O aluno possui um perfil dinâmico em cada uma das dimensões e se enquadra simultaneamente e muitas delas. Normalmente eles evoluem com velocidades diferentes, entretanto podem estacionar durante determinados períodos ou, em casos raros, regredirem. Certamente existem ainda outras dimensões que não foram abordadas dentro deste trabalho e por isto, cada leitor deverá exercitar-se para ampliar os diferentes perfis aqui apresentados para o mundo acadêmico.

Há que se destacar também o aspecto dinâmico da relação professor aluno tanto na sala de aula quanto fora dela. É óbvio que todos esperam uma relação amigável e respeitosa, entretanto as bases para esta expectativa variam muito. Quer seja quanto aos objetivos próprios das partes, quer seja quanto aos traços das personalidades em seus aspectos psicológicos.

As diferentes abordagens utilizadas para fundamentar a construção do perfil do aluno de cursos superiores representam um seguro apoio para que o professor se posicione e prepare as atividades a serem ministradas, entretanto somente o dia a dia com uma turma é que lhe permitirá a perfeita compreensão do relato aqui apresentado.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Maria C. de, MASETTO, Marcos T. *O professor universitário em aula*. 3ª ed. São Paulo: MG editores associados, 1983.

GUERRA, Elaine L. A., CHASIN, Milney, PENA, Roberto P. M., GORGOSINHO, Rosane M.L., *O problema da disciplina em sala de aula*, in, Momentos idéias e debates. Belo Horizonte: informativo técnico nº 3, UNA - Ciências Gerenciais, jan/1997.

JAPIASSU, Hilton, *Um desafio à educação*. São Paulo: Editora Letras & Letras, 1999.

MANSETTO, Marcos T. *Aulas Vivas*, São Paulo: MG editores associados, 1992.

*Perfil do jovem universitário paulistano 2000*. São Paulo: Bolsa de Valores de São Paulo e Fórum de jovens empresários da Associação Comercial de São Paulo, 2000.

RICCI, Rudá. *A crise do espírito acadêmico*. Belo Horizonte, nd, nd.

ROJAS, Henrique, in GUERRA, Elaine L. A., CHASIN, Milney, PENA, Roberto P. M., GORGOSINHO, Rosane M.L., *O problema da disciplina em sala de aula*, in, Momentos idéias e debates. Belo Horizonte: informativo técnico nº 3, UNA - Ciências Gerenciais, jan/1997.

SANTOS, Jair F dos. *O que é pós-moderno*. São Paulo: Brasiliense, 1986.